

A pesquisa como grito: proposta de prática metodológica-reflexiva¹

Accorssi, Aline ²

Sinãni, Marília Claudia Favreto ³

RESUMO

No campo epistêmico, há reproduções de normas ocidentais que regulam a pesquisa como ação que exige neutralidade e distanciamento por parte da/o pesquisadora/r. Neste processo, perpetua-se o pensamento hegemônico dicotomizador de que pesquisadoras/es devem afastar suas subjetividades do processo de escrita sobre a objetividade. Com o objetivo de discutir modos outros de fazer pesquisa na área da educação e assumir uma atitude decolonial nos processos investigativos, este estudo compartilha os aspectos adotados no processo de construção de uma pesquisa em educação produzida no formato de dissertação. Para isso, constrói pontes entre duas práticas metodológicas-reflexivas: a Auto-mediação (PEREIRA, 2018) e o *Archivo Caminante* (MOLINARI, 2020). A partir do diálogo entre as duas abordagens, construiu-se uma alternativa epistêmica aberta a compreender a pesquisa como criação e a inter-relacionar ações poéticas, que não separam razão de sensibilidade, com os elementos articuladores da linguagem artística na produção do conhecimento científico.

Palavras-chave: educação; desobediência epistêmica; metodologias decoloniais; práticas transgressoras.

Research as a cry: proposed methodological-reflective practice

ABSTRACT

In the epistemic field, there are reproductions of Western norms that regulate research as an action that requires neutrality and distance on the part of the researcher/r. In this process, the hegemonic dichotomizing thought is perpetuated that researchers should distance their subjectivities from the writing process on objectivity. With the aim of discussing other ways of doing research in the area of education and assuming a decolonial attitude in investigative

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal de Pelotas. Professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: alineaccorssi@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7571571217332694>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8361-3475>.

³ Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: profmariliasinani@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6244887997791951>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5135-9484>.

processes, this study shares the aspects adopted in the construction process of research in education produced in the form of a dissertation. To do so, it builds bridges between two methodological-reflexive practices: Self-mediation (PEREIRA, 2018) and Archivo Caminante (MOLINARI, 2020). From the dialogue between the two approaches, an open epistemic alternative was built to understand research as creation and to interrelate poetic actions, which do not separate reason from sensitivity, with the articulating elements of artistic language in the production of scientific knowledge.

Keywords: education; epistemic disobedience; decolonial methodologies; transgressive practices.

La Investigación como grito: propuesta de práctica metodológica-reflexiva

RESUMEN

En el campo epistémico, hay reproducciones de normas occidentales que regulan la investigación como acción que exige neutralidad y distanciamiento por parte de la/el investigadora/r. En este proceso, se perpetua el pensamiento hegemónico dicotomizador de que investigadoras/es deben alejar sus subjetividades del proceso de escrita acerca de la objetividad. En la búsqueda de discutir otros modos de hacer investigación en el área de la educación y asumir una actitud decolonial en los procesos investigativos, este estudio comparte aspectos adoptados en el proceso de construcción de una investigación en educación que se ha producido en forma de disertación. Para eso, construye puentes entre dos prácticas metodológicas-reflexivas: la Auto-mediação (PEREIRA, 2018) y el Archivo Caminante (MOLINARI, 2020). A partir del diálogo entre ellas, propone como alternativa epistémica la investigación como creación, abierta a interrelacionar acciones poéticas que no separan razón de sensibilidad, y compuesta por elementos articuladores del lenguaje artístico en la construcción del conocimiento científico.

Palabras clave: educación; desobediencia epistémica; metodologías decoloniales; prácticas transgresoras.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258994 [2023]
**Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos
“outros”, práxis “outras”**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258994>

INTRODUÇÃO

O presente estudo reflete sobre a alternativa epistêmica de ver a pesquisa em educação atravessada por um olhar artístico, cujos elementos são expressos como um grito, uma reclamação de silêncios desprendida das normas ocidentais. Para isso, compartilhamos considerações sobre a forma como a pesquisa de mestrado em educação, realizada pela segunda autora e com orientação da primeira, foi desenvolvida a partir da articulação entre a experiência como artista, professora e pesquisadora que compreende a pesquisa como uma ação criadora, em que razão e sensibilidade não precisam ser dissociáveis nos processos investigativos.

A escolha por uma prática metodológica-reflexiva decolonial na pesquisa em educação é fruto das discussões realizadas no Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação, espaço em que compartilhamos saberes e alternativas epistêmicas para elaborarmos as nossas metodologias de pesquisa. Movidas/os por questionamentos acerca das práticas de colonização que regulam o campo epistêmico, juntas/os, buscamos formas de decolonizar os processos da pesquisa.

Por séculos, o campo epistêmico se orienta por uma filosofia cartesiana dualista que separa a escrita da imagem, a razão da sensibilidade, a/o pesquisadora/r da pesquisa, entre outras dicotomias naturalizadas. Na tentativa de desprendimento dos processos investigativos atrelados às normas ocidentais que limitam a produção do conhecimento científico, buscamos inter-relacionar os elementos articuladores da linguagem artística com a pesquisa em educação, de modo a assumir uma atitude decolonial.

A pesquisa desenvolvida no formato dissertação, busca trabalhar com a decolonização do olhar e, para isso, integra imagens, sons e escrita poética. Deste modo, a produção do conhecimento científico traz as imagens como textos não verbais a serem lidos, os sons aparecem na pesquisa no formato de QR CODES e a escrita poética é feita em primeira pessoa para que a relação pesquisadora/r-pesquisa não seja algo distante. Entretanto, surgiram desafios durante a construção da pesquisa, afinal, como seria possível trabalhar com imagens se elas, muitas vezes, não são consideradas bibliografias tão relevantes quanto o texto escrito? Como estar mais presente na pesquisa?

Movidas/os por questionamentos e gritos transfigurados em construções poéticas sobre a realidade concreta, compartilhamos e refletimos sobre o processo de criação da pesquisa, de modo a contribuir para o desprendimento das normas eurocêntricas que, há séculos, regulam os métodos de

investigação. Para isso, construímos pontes entre a proposta metodológica-reflexiva de Auto-mediação elaborada por Pereira (2018) e a prática do *Archivo Caminante* (AC) desenvolvida por Molinari (2020). Na tentativa de assumir uma atitude decolonial, as duas propostas são articuladas como proposta metodológica de pesquisa.

Construções poéticas da realidade na pesquisa

Viver na relação aprendente com o mundo faz parte da existência humana e a partir da relacionalidade⁴ vamos atuando na sociedade. Paulo Freire, intelectual heterodoxo que leu Piaget, Vygotsky e muitas outras/os autoras/es para elaborar seu pensamento transgressor, defendeu que somos seres históricos e estéticos, enfatizando a importância de estarmos abertas/os a aprender com a/o outra/o; bell hooks, leitora crítica dos estudos de Freire, defendia a dialogicidade na educação e trazia suas narrativas de vida como indissociáveis de sua práxis e existência enquanto professora e pesquisadora que sente, aprende e intervém no mundo; e assim, muitas/os outras/os autoras/es vão criando novos saberes a partir daqueles já existentes na sociedade.

Ao longo de nossas trajetórias acadêmicas, conhecemos teorias e participamos de discussões que até hoje estão incorporadas em nossos conhecimentos e percepções de mundo. Portanto, as imagens, textos ou sonoridades que produzimos trazem narrativas e perspectivas de mundo subjetivas, mas também relativas ao campo da objetividade porque “construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas” (MANGUEL, 2001, p. 28). Levando em consideração essa relação que construímos com o tempo e os saberes que o constituem, acreditamos na possibilidade de conhecer alternativas epistêmicas e partir delas para criar modos outros de produzir o conhecimento científico.

São muitas as formas utilizadas para representar a realidade concreta e criar narrativas sobre ela. Existem os filmes, os poemas, a escrita, as canções, as fotografias, os desenhos, as vídeo-performances, as esculturas, entre tantos outros elementos articuladores da linguagem artística. Estes atuam como veículos da memória porque ativam no presente os acontecimentos passados e constroem uma memória pública a partir de instrumentos da cultura (JELIN, 2002). Se hoje conhecemos várias versões do passado histórico, é porque

⁴ A relacionalidade do tempo é uma alternativa de desprender-se da cronologia ocidental unilinear porque entende que a nossa relação com o tempo é viva e em constante construção.

temos construções poéticas sobre a realidade sendo produzidas por diversas pessoas que lançaram seus olhares sobre o mundo e criaram representações que servem de documentos para nós.

Em relação aos instrumentos da cultura, além da escrita se sobrepor nos trabalhos acadêmicos, não podemos descartar que há séculos ela também é utilizada para legitimar a palavra do colonizador⁵. Historicamente, consolidou-se o uso disciplinador da escrita, enquanto a imagem e a oralidade foram deixadas em segundo plano por não serem consideradas tão relevantes na construção do conhecimento científico.

Embora tenhamos narrativas consolidadas como ‘oficiais’, não podemos descartar o fato de que elas são estabelecidas por convenção, portanto, não são inatas nem universais (MANGUEL, 2001). Durante séculos, aprendemos a basear os nossos conhecimentos no tempo cronológico unilinear ocidental que coloca a Europa como o centro da História Mundial aquela que detém o direito a representar a si e a todas/os. A partir dele, construímos a nossas memórias e concepções de mundo, acreditando na História ‘universal’ limitada ao reservatório da modernidade – Grécia, Roma e Renascimento – e nos métodos científicos orientados pela filosofia cartesiana, que dividem a subjetividade da objetividade (DUSSEL, 1997; GROSGOUEL, 2016).

As representações sobre a realidade consideradas ‘oficiais’ são aquelas que, muitas vezes, tendem a perpetuar as narrativas do colonizador, aquele que se institui como ‘vencedor’ (JELIN, 2022), desde a tradicional carta escrita por Caminha até as construções visuais feitas por pintores europeus nos séculos passados. Na contemporaneidade, estas narrativas vêm sendo cada vez mais colocadas em questão e consideradas histórias falseadas em que se forjam heróis para ocultar as violências excludentes dos grupos sociais na História Mundial.

Os métodos científicos, por sua vez, tendem a ser aqueles que se ancoram no princípio cartesiano de que existe um “Eu” produtor do conhecimento ‘universal’ e reforça o mito moderno de que a produção do conhecimento deve ser neutra, visão esta também criticada no mundo contemporâneo.

Na verdade, esta ciência que se queria neutra, apolítica e descomprometida acabou sendo utilizada cada vez mais como uma ferramenta de engenharia social. Empregados por

⁵ A figura do colonizador diz respeito ao homem branco ocidental que detém o privilégio epistêmico e é responsável por invadir culturas e territórios.

agências governamentais, os cientistas sociais contribuíram para a implantação gradual de toda uma série de instituições de controle social – desde a escola e o hospital até o asilo psiquiátrico e a prisão – cuja finalidade é modelar o comportamento de todos pelos padrões de normalidade definidos pelos donos do poder (BRANDÃO, 2006, p. 22).

Na intenção de padronizar comportamentos e realizar a manutenção do controle social, normas são estabelecidas para restringir a produção de conhecimento dentro da visão unidimensional do colonizador. Entretanto, desde o presente, surgem estudos e construções poéticas que questionam a veracidade destas normas e buscam desmistificar a ideia de que o conhecimento científico deve estruturar-se desta forma. Encontramos músicas, vídeos, artigos, imagens, livros e muitos outros instrumentos da cultura que mobilizam à desmistificação destes conceitos unidimensionais ainda ensinados como verdade única. Estes estudos e construções poéticas nos apresentam alternativas epistêmicas abertas a pensar e a produzir a pesquisa desprendida da perspectiva ocidental. Partimos, então, destas aberturas no campo epistêmico para construir a pesquisa no viés decolonial.

Assumir uma atitude decolonial na pesquisa é ter abertura para vê-la como um processo relacional em que a nossa relação com o tempo e o espaço é viva, portanto, a realidade pode ser pensada e representada de formas plurais (VÁZQUEZ MELKEN, 2014). É por isso que vemos a pesquisa como uma ação criadora, na qual podemos construir argumentos e dados a partir das nossas experiências com a realidade concreta, confrontando a ideia cristalizada de que a/o pesquisadora/r deve ser neutro na investigação.

Identificamos que existe a possibilidade de desprendimento dos métodos tradicionais para construir outros caminhos metodológicos, mais plurais e poéticos. A partir disso, construímos aberturas para que a pesquisa em educação seja vista não apenas pela perspectiva de pesquisadora, mas também pelo olhar de artista visual e arte-educadora porque os elementos articuladores da linguagem artística “têm essa força de provocar deslocamentos perceptivos, epistemológicos e interpretativos” (TOURINHO, 2012, p. 232). Neste processo de criação da pesquisa, as imagens produzidas pela pesquisadora são dialogadas com uma escrita mais poética, construída e pensada junto à dimensão das artes visuais. A proposta é trabalhar com imagens em diálogo com a escrita, como forma de ampliar as possibilidades de textualidades para além da expressão verbal.

As imagens carregam o histórico de serem utilizadas na pesquisa como coadjuvantes, em geral, para exemplificar algo trazido no texto escrito, o protagonista da investigação. Quando lemos trabalhos acadêmicos, é possível encontrar imagens ocupando espaços de pouco destaque e uma posição de menor relevância que a escrita. Na busca por identificar a potência das imagens na pesquisa, encontramos nas artes visuais os aportes necessários para pensarmos formas de transgredir as fronteiras invisíveis que, num dado momento da história, foram instauradas para dividir as ciências.

Apesar da complexidade de descrever as imagens, elas fazem parte do nosso cotidiano, visto que sempre somos superexpostos a elas (ALLOA, 2015). A todo momento, estamos cercados/os por imagens, sejam elas estáticas ou em movimento, criadas para fins publicitários ou como expressão de vida, em seu significado e existência, vão construindo o nosso repertório de mundo.

É perceptível que a ação de organizar os elementos na composição visual não é a mesma que escrever com palavras como ocorre no texto, a imagem comunica aquilo que é vivido, portanto, podemos lê-la e interpretar as suas narrativas (RIVERA-CUSICÁNQUI, 2015). O mundo da imagem, muitas vezes, comunica e toca a sensibilidade do povo melhor que a palavra escrita. A exemplo disso, temos o aumento significativo da expressão por imagens nos últimos anos no mundo virtual.

Submetidas/os a um isolamento social devido a pandemia do coronavírus⁶, muitas pessoas começaram a se comunicar por meio de imagens nas redes sociais. De acordo com Xavier (2020, p. 15):

Durante o isolamento social, começamos a interagir com o mundo e com as pessoas por meio de telas digitais; a internet passou a ser um dos principais veículos de conexão entre as pessoas, utilizando a arte como meio. Nunca se produziu e se consumiu tantas imagens.

No mundo virtual parece ter havido um grande aumento da produção de imagens criadas com o objetivo de representar a realidade individual e coletiva das pessoas, o que caracteriza que elas têm sido muito utilizadas na comunicação, no compartilhamento de visões de mundo, opiniões e reflexões. A partir deste aumento significativo de imagens, cuja função tem sido expressar

⁶ A COVID-19, uma doença infecciosa, desencadeou a pandemia de coronavírus que chegou ao Brasil em março de 2020, momento em que a população teve que lidar com sucessivas mortes e o isolamento social.

a realidade através de construções visuais e sonoras, surge o questionamento: por que não as utilizar como instrumentos na pesquisa?

Compreendendo que as imagens e as demais construções poéticas criam narrativas no imaginário popular e formam a nossa visão sobre o que se passa ou se passou no mundo, entendemos que elas atuam como ferramentas artísticas importantes a serem incorporadas na pesquisa em educação, afinal, as Artes e as imagens têm a potência de “reunir reflexão, criatividade e autoconhecimento no processo de pesquisa” (TOURINHO, 2012, p. 231). Se, por exemplo, a imagem constrói visualmente o social – aquilo que entendemos por realidade no diálogo que temos com o mundo –, e as canções são escritas poéticas musicalizadas que tendem a representar aspectos de uma determinada época, elas são construções poéticas sobre a realidade.

Tendo em vista esta perspectiva, entendemos que as imagens e a escrita poética produzidas pela pesquisadora poderiam integrar a pesquisa, justamente, porque não havia a necessidade de separar a artista dos processos de investigação (Figura 1 e 2). As dualidades são reproduzidas há muito tempo e não há nenhuma lei ‘universal’ que nos faça segui-las como verdades absolutas. Se o conceito de neutralidade é uma tática de controle social enraizada e naturalizada no campo epistêmico, estar presente na pesquisa, por imagens e pela escrita, não seria um desprendimento para uma possível práxis decolonial?

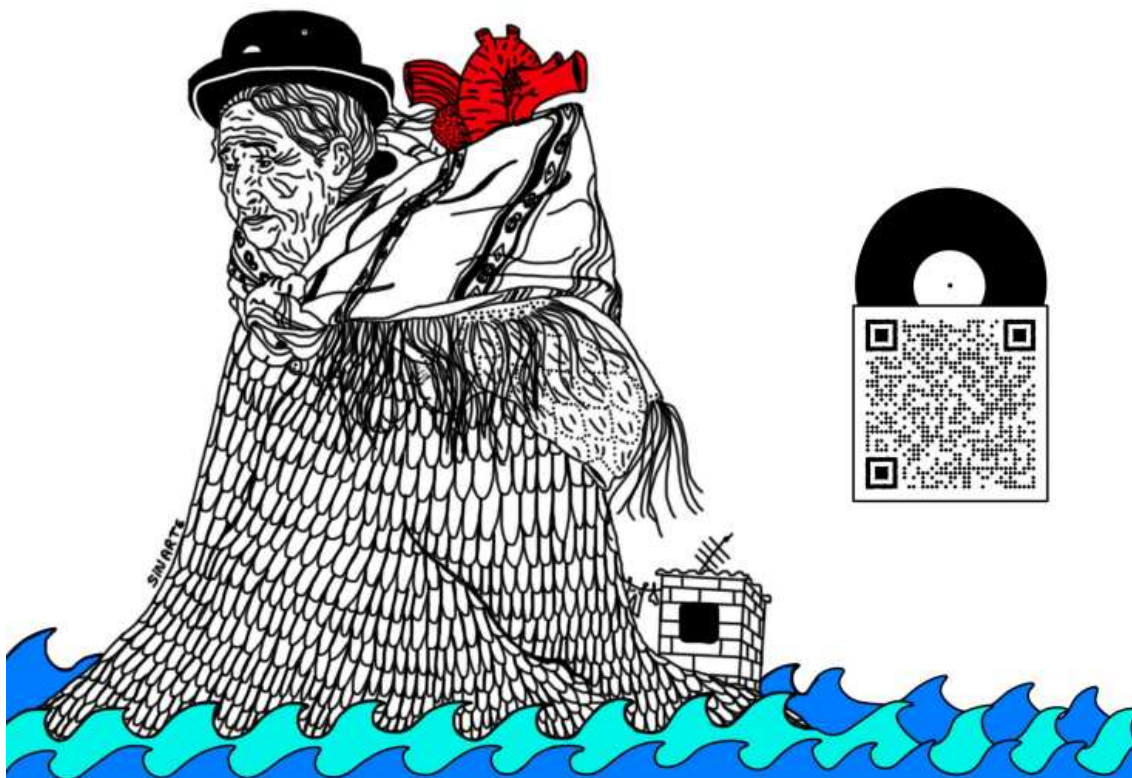
Quanto mais pesquisamos a objetividade, mais aprendemos sobre o mundo e sobre nós. Nas tentativas de desprendimento das normas ocidentais reguladoras da pesquisa, percebemos que elas foram tão naturalizadas que fazem parte de nós, e então nos deparamos com inúmeras contradições, reflexões, uma constante vontade de gritar. Conforme as leituras são articuladas e procuramos ampliar pontos de vistas na construção da pesquisa, parece que vamos nos dando conta das situações de opressão sofridas e este processo é doloroso, mas também é uma prática de autoconhecimento.

Figura 1: Latino-americana.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 2: QR Codes na pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal.

Se nas experiências no campo epistêmico ocidentalizado aprendemos que o ideal é a neutralidade e o afastamento da experiência pessoal na escrita acadêmica, quando nos desprendemos destas normas, vamos compreendendo que “eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita” (ANZALDÚA, 2000, p 233). Por isso, a pesquisa desenvolvida integra também construções poéticas sobre a realidade, desde sons (apresentados no formato de QR CODES) a contos, sem a necessidade de a experiência pessoal estar desvinculada da escrita.

Ao ler Gloria Anzaldúa (2016), é possível revisitarmos diversas situações de opressão que passamos sem perceber, e ao refletir sobre a decolonização do conhecimento, identificamos que somos estruturadas/os referencialmente por várias culturas. Transitamos entre os saberes do modo ocidental e os saberes ancestrais que resistem aos padrões hegemônicos estabelecidos, e isso resulta em uma luta constante pela tomada de consciência das

contradições existentes que estabelecem hierarquias no saber, numa disputa entre ‘superior’ vs. ‘inferior’, ainda reproduzidas no campo epistêmico.

Vivemos em um regime de contradições em que somos submetidas/os a táticas de controle social e silenciamento por parte da estrutura opressora, mas também encontramos tentativas de resistência contra elas que são praticadas desde os movimentos sociais. Trata-se de uma sociedade dividida entre o dizível e indizível, marcando um campo de disputas de existências e saberes (POLLAK, 1989) que nos formam enquanto indivíduos.

Nesta disputa entre o dizível e o indizível, a estrutura opressora mantém o monopólio da palavra e é através dele que ela segue dominando, enquanto as pessoas dominadas precisam lutar para retomar o direito à palavra (FREIRE, 2013). Para isso, além de ver a pesquisa como criação, também a entendemos como um grito. Walsh (2019) compartilhou que ela escreve gritando e nós, cada uma/um da sua maneira, também o fazemos. Na produção da pesquisa, as imagens, os sons e a escrita poética reclamam os silêncios guardados e cada letra e traço surgem como gritos de lutam pela retomada do direito à palavra, o direito a olhar e a representar as coisas do mundo.

Autoras/es como bell hooks (2013) e Freire (2013) já traziam as suas percepções e experiências de mundo na construção do conhecimento científico. Enquanto Freire (2013) partia das suas experiências para tecer críticas às práticas ‘bancárias’ na educação e propor que as/os intelectuais tivessem maior organicidade na produção coletiva do conhecimento, hooks (2013) defendia que não deveria haver a cisão entre mente e corpo na construção do conhecimento. Para isso, hooks escrevia em primeira pessoa como forma de compartilhar narrativas pessoais que tinham a função social de serem também contranarrativas a serviço do confronto aos discursos falseados pela hegemonia dominante.

Ao assumir uma atitude decolonial, a pesquisa é escrita de forma indissociável da pesquisadora que a cria desde a experiência de ser social que vivencia, sente e lê o mundo. Trazer a experiência pessoal da/do pesquisadora/r para a pesquisa é uma tentativa de torná-la política, sem a necessidade de compactuar com a separação entre corpo e mente (hooks, 2021). A escrita de si é um convite para propor contranarrativas e criar, através de ações poéticas na pesquisa, partindo das experiências pessoais para interpretar e desvelar o mundo sem a necessidade de separar o pensamento ancestral do pensamento considerado científico, afinal, ambos são saberes

epistêmicos. Assumir uma atitude decolonial na pesquisa é também um convite a compreendermos aquilo que não somos, para descobrir aquilo que somos.

Por vivenciarmos a situação opressora, a tendência é sermos constituídas/os por acúmulos de não-ditos que, de uma forma ou de outra, se transformam em gritos e tentativas de desobediência epistêmica⁷. A pesquisadora e educadora hooks (2021) já apontava que conforme as pessoas vão tendo consciência crítica sobre o quanto o pensamento supremacista branco hegemoniza e molda o nosso conhecimento, mais se fortalece a necessidade de desaprender e desnaturalizar o racismo e as demais práticas de dominação cristalizadas nos saberes.

Para hooks (2021), seria importante um processo de descolonização do pensamento para confrontar o modelo dominador que regula o campo epistêmico, entretanto, é uma ação desafiadora porque vivenciarmos um contexto capitalista permeado pelos fantasmas racistas e classificatórios herdados da modernidade. Embora autoras/es venham construindo aberturas para trazer as suas narrativas na produção do conhecimento, ainda há muitos desafios para assumir uma práxis decolonial na pesquisa, visto que ainda se consolida no campo epistêmico a separação entre as ciências sociais e naturais das ciências humanas e das artes.

É um fato que a lógica capitalista “é uma barbárie moderna que empobrece o sensível” (LIPOVETSKY E SERROY, 2015, p. 8), mas estamos construindo aberturas para que saberes, seres e sentires sejam aproximados ao invés de dicotomizados. É por isso que traçamos caminhos para que as nossas pesquisas em educação sejam pensadas por meio dos elementos articuladores da linguagem artística, sem a necessidade de perpetuar com a separação das ciências na produção do conhecimento. Nesse sentido, é preciso desprendimento e desobediência às normas ocidentalizadoras, desta forma, nossas pesquisas podem se tornar gritos.

Por uma práxis decolonial na pesquisa em educação

Como proposta alternativa de produção da pesquisa, as práticas metodológicas-reflexivas Auto-mediação (PEREIRA, 2018) e o *Archivo Caminante* (MOLINARI, 2020) são inter-relacionadas para apontar uma metodologia de pesquisa decolonial que valoriza a escrita de si e as imagens na construção do conhecimento científico. Ambas as propostas consideram as

⁷ O conceito de desobediência epistêmica é abordado por Mignolo (2008) ao se referir a ação de desprender-se dos conceitos eurocentrados modernos.

construções poéticas sobre a realidade como uma alternativa epistêmica na produção de saberes e, quando articuladas entre si, podem apontar para uma práxis decolonial na pesquisa.

A auto-mediação é uma proposta de prática metodológica reflexiva elaborada por Diana Araújo Pereira (2018) com o intuito de descolonizar o conhecimento a partir da valorização da escrita de si como algo necessário no processo da pesquisa porque se trata de um “exercício organizacional da própria subjetividade atravessada por imagens e discursos, experiências e fatos, alheios e próprios, em um mundo cada vez mais interconectado” (PEREIRA, 2018, p. 53).

A escrita de si na pesquisa é um exercício de auto-observação, mas também uma forma de reivindicar o direito à palavra e a olhar o mundo desde o nosso local de inserção. Se vivemos com as narrativas que condizem com a experiência particular do colonizador, não seria importante criarmos narrativas desde as nossas experiências de mundo? Escrever desde as nossas experiências pessoais, é uma espécie de auto pesquisa e autoconhecimento que têm como intuito aproximar as diferenças e convidar outras pessoas a percorrermos, juntas/os, seus próprios caminhos (PEREIRA, 2018).

Quando escrevemos sobre nós, estamos vendo a pesquisa como um grito que reivindica o direito à palavra e a auto representação que nos foram negados. Por muito tempo, não tivemos o direito de auto representação porque éramos descritas/os e definidas/os pelo olhar e pelas representações do colonizador. Neste processo, a arte cumpriu o papel de um sistema de representação que consolidou estereótipos racistas, patriarcais e colonizadores no imaginário coletivo (ALBÁN ACHINTE, 2009). Deste modo, estamos recusando o silêncio secular que nos foi imposto e abrindo espaço para o diálogo entre as marcas coloniais presentes nas experiências de nós educadoras/es pesquisadoras/es e das/os educandas/os em seus locais de inserção.

Ao contrário do que as dicotomias das normas ocidentais reproduzem no campo epistêmico, os corpos também são territórios que carregam conhecimentos próprios e diversos, sejam nas línguas, raízes, culturas, entre tantas outras formas (PEREIRA, 2018). É por isso que a escrita de si é um ato de rebeldia. Enquanto o Ocidente se posiciona como centro do conhecimento e incorpora no campo epistêmico a arrogância secular expressa em conceitos ‘universais’, Pereira (2018) vê o lado positivo da fragmentação do eu para apontar uma práxis decolonial na produção do saber científico:

É urgente repensar esta fragmentação, dando-lhe a oportunidade de mostrar seu aspecto positivo: se somos partes/pedaços/fragmentos de sujeitos em eterna (re)estruturação e não um bloco acabado, com uma bandeira, língua e religião únicos, então podemos ampliar e captar a diferença, agora pensada sob um signo positivo. Tal perspectiva – isenta da arrogância da uniformidade e da homogeneidade – nos permitiria adquirir a empatia necessária para um viver em sociedade mais intercultural, ou seja, mais aberto e apto a entender-se num sentido menos assimétrico: grupos humanos formados por sujeitos heterogêneos (PEREIRA, 2018, p. 44).

O lado positivo da fragmentação do eu não visa a individualização dos seres, pelo contrário, reconhece que se o mundo não é algo acabado, não precisamos seguir apenas um modo ‘universal’ de ver a realidade, mas considerar que existem perspectivas, saberes e existências plurais no planeta. Esta perspectiva parece ir de encontro com o conceito de pluriversalidade no mundo, que seria uma perspectiva não-universal mais aberta a respeitar a/o outra/o com suas diferenças (ESCOBAR, 2017; MIGNOLO, 2017).

Identificando a pluralidade nos saberes e seres, a Auto-mediação confronta o pensamento do Ocidente ao considerar que as pessoas e o mundo não são coisas acabadas, mas em construção. Pensar a fragmentação do eu e valorizar a escrita de si, vai de encontro com o que Paulo Freire (2013) propunha, de que todas/os nós somos inacabadas/os, e é nesse sentido que acreditamos que as marcas coloniais não precisam durar para sempre.

Escrevendo a pesquisa sem descartar nossos caminhos percorridos, construímos aberturas para ver a nós mesmas/os de uma forma mais crítica, dispostas/os a identificar as contradições que nos compõem por estarmos em constante relação social com a estrutura opressora. A escrita de si na pesquisa seria uma forma de decolonizar a escrita acadêmica, vendo-a como um campo de experimentações que está cada vez mais interconectado com o mundo. Como forma de desprender-se das formas enrijecidas da escrita, Pereira (2018) sugere que a pesquisa seja elaborada por uma escrita mais poética, que atue como ação estética e política, propondo outras racionalidades possíveis.

Mais além da escrita de si, a Auto-mediação também propõe que a pesquisa seja composta por imagens porque estas trazem narrativas e discursos que apresentam outra forma de compreender a realidade. Desta forma, a pesquisa tem abertura para ser atravessada por instrumentos da

linguagem artística que nos permitem reivindicar o direito a palavra e a auto-representação. Ao sugerir imagens como fontes bibliográficas importantes na produção científica, a Auto-mediação parece ir de encontro com a proposta de *Archivo Caminante* de Molinari (2020).

O *Archivo Caminante* (AC), proposto por Eduardo Molinari (2020), defende a ideia de que toda a experiência que temos com a realidade é também uma prática estética de pesquisa. Nesse sentido, Molinari vê as imagens como documentos, desde as imagens produzidas por ele até as que são encontradas em suas caminhadas, afinal, ele compreende que a própria ação de caminhar é atravessada por descobertas imagéticas. Em razão disso, Molinari (2020) não separa a pesquisa do ser-artista.

Percebe-se que Molinari (2020) traz contribuições arquivísticas, artísticas e pedagógicas que veem nos verbos *caminhar* e *criar* uma alternativa de não separar pesquisadora/r da pesquisa. Os AC investigam a imagem enquanto ferramenta potente para revisitar o passado e confrontar as narrativas ‘oficiais’ e dominantes na história desde o presente, considerando que as produções imagéticas são parte de documentos expandidos que vão de encontro com o conceito de veículo da memória (JELIN, 2002).

O conceito de ‘documento expandido’ é apresentado por Molinari (2020) como forma de questionar as narrativas históricas dominantes, a partir de sua experiência que considera o próprio ato de caminhar como uma prática estética. Este conceito busca na materialidade formas de rastrear nas imagens do passado os acontecimentos históricos e reinterpretá-los para ativá-los desde o presente. As fontes materiais do AC de Molinari são organizadas da seguinte forma: 1) fotografias históricas resultado de investigações; 2) fotografias da autoria do autor; 3) materiais visuais coletados nos meios massivos de comunicação; 4) fragmentos de imagens em redes sociais.

Essa é uma forma de curadoria de imagens que vai de encontro com a auto-mediação e valoriza a potência de se considerar as produções imagéticas como fontes bibliográficas de pesquisa, sejam elas produzidas por nós pesquisadoras/es, ou as que cruzam nossos caminhos e nos atravessam por meio de arquivos históricos ou outros meios não-convencionais.

A inter-relação entre a auto-mediação e os AC nos abrem caminhos para pensar a escrita de si, a poética junto a política, a valorização de nossos corpos e experiências de mundo na criação da pesquisa. Ambas as propostas metodológicas-reflexivas, dialogam com a práxis decolonial na pesquisa e vão

de encontro com a genealogia do pensamento pluriversal (não-universal), estudado por Mignolo (2017, 2012, 2008) e Escobar (2017).

Escrever sobre si e considerar as construções poéticas na pesquisa, abrem caminhos para investigações críticas que reconhecem e participam da reintrodução das diversas línguas, experiências dos vários mundos, as diferenças, alteridades, memórias, subjetividades, etc., na história mundial. Esse movimento pode se dar através da valorização de plurivivências e consciência ancestral.

Para superar la Colonialidad del Saber hegemónica - subyacente a nuestras narrativas históricas- será necesario entonces, pensarnos desde nosotras y nosotros mismos, desde nuestras propias cosmovisiones, desde nuestras historias, desde la realidad que somos, desde la realidad que hemos heredado, para construir nuevas teorías sólidas, que impugnen paradigmas o esquemas preestablecidos, en donde la narrativa histórica dominante sea apenas una manera más de ver el mundo; ampliando de éste modo el campo de visión histórica desde otras perspectivas y lógicas culturales, multilíneales y multidimensionales (GUTIÉRREZ, 2020, p. 212).

Há uma colonialidade que hegemoniza o saber e domina as narrativas que temos sobre o mundo. Para conseguirmos superá-las, a escrita de si pode ser um caminho, visto que nos convida a pensar os objetos do mundo desde as nossas próprias cosmovisões e vivências, que são plurais e não homogêneas, como fomos ensinadas/os a acreditar.

Uma outra possibilidade de decolonizar a forma como construímos nossas pesquisas é a escrita poética e em primeira pessoa. Ao escrevermos de uma forma mais poética e mais presente, estamos confrontando as dualidades do campo epistêmico ocidentalizado e ao invés de separar, aproximamos. Ou seja, não há a necessidade de separar razão e sensibilidade ou razão de natureza na construção do conhecimento (DUSSEL, 2018; MIGNOLO & GÓMEZ, 2012; QUIJÁNO, 2010). Tendo em vista que o corpo não é algo separado da mente, é possível criar outras racionalidades desprendidas dos paradigmas dominantes.

Freire (2013) e hooks (2013, 2021) são autoras/es que propõem a construção de uma comunidade amorosa e esperançosa que jamais será alcançada enquanto existir a perda da conexão entre o mundo e a academia. De certo modo, as separações que permeiam o campo epistêmico e as contradições que vivenciamos na estrutura opressora tendem a ser refletidas

em nossas pesquisas. Assim como a sala de aula, muitas vezes, atua como um “microcosmo da cultura do dominador” (hooks, 2021, p. 12), as nossas pesquisas tendem a reproduzir muito daquilo que aprendemos com o pensamento supremacista branco, capitalista e patriarcal.

Levando em consideração que na sociedade capitalista de matriz civilizatória-colonial em que vivemos há o empobrecimento do sensível (LIPOVETSKY e SERROY, 2015) e a visão de progresso reproduzida tende a moldar nossas ações e pensamentos de modo dependente da ideia de que o futuro será um lugar em que as coisas não de ser melhores que o momento atual (hooks, 2021), é importante encontrarmos formas de pensarmos criticamente desde o tempo presente e não separarmos razão e sensibilidade na produção de saberes. Desta forma, estaremos buscando alternativas epistêmicas que vão contra a insensibilidade naturalizada na estrutura opressora, afinal, na permanente relação que temos com a realidade, não produzimos apenas bens materiais, mas também as coisas sensíveis, as instituições sociais, as ideias, a história (FREIRE, 2013). Além disso, estando menos distantes na pesquisa, também enfatizamos que é desde o tempo presente que construímos o bem comum atual e futuro, sem distanciar a vida da produção de conhecimento.

Na pesquisa desenvolvida, a escrita poética está articulada com os referenciais bibliográficos e os argumentos que partem da vivência e olhar da pesquisadora, apresentando uma outra forma de construir a cientificidade, sem a necessidade de separá-la da experiência cotidiana com o mundo. Há também elementos estéticos que estruturam a pesquisa no sentido de que a poética não precisa estar desvinculada do sentido político.

Além da busca por decolonizar a escrita e a forma como os elementos artísticos compõem a pesquisa, é possível buscar novas formas de estruturá-la. Levando em consideração que a tecnologia cada vez mais tem feito parte do cotidiano, as sonoridades apresentadas na dissertação aparecem no formato de QR CODES⁸ (Figura 2), que oferecem um outro tipo de interação com a pesquisa e exploram outras possibilidades.

Vista como uma alternativa epistêmica para pensar os modos de fazer pesquisa, a articulação entre a Auto-mediação e os AC visa aproximar a poética da política; o corpo do território; a razão da sensibilidade; a subjetividade da objetividade; a linguagem visual da linguagem escrita como

⁸ Código para armazenar links e dados na web. A partir deles, é possível compartilhar inúmeras vezes no mundo virtual.

fontes científicas; a/o pesquisadora/r da pesquisa. Essas separações só nos fazem perpetuar cada vez mais o saber ocidental como ‘superior’ e os saberes que não seguem os seus padrões como ‘inferiores’.

Por isso, partimos do pressuposto de que precisamos estar presentes na pesquisa, seja através de imagens autorais, da escrita poética, dos relatos de experiência, de fotografias de imagens encontradas nos espaços públicos por onde caminhamos, imagens que nos visitam por meio das redes sociais, e todos os demais documentos expandidos que podem ser investigados em bibliotecas, filmes, revistas de arte, livros, etc.

As construções poéticas sobre a realidade também promovem reflexões pertinentes ao conhecimento científico, além de trazer as experiências de mundo de cada pesquisadora/r para a pesquisa, portanto, as consideramos como veículos da memória capazes de transformar as estruturas de dominação em que estamos inseridas/os, desde nossos corpos e saberes. Trata-se de uma proposta metodológica que articula as dimensões estéticas e políticas que produzem e relacionam de forma mais orgânica a razão crítica, a sensibilidade e o autoconhecimento no campo da educação.

Quadro 1: Aproximações entre a Auto-mediação e o *Archivo Caminante*

Auto-mediação	<i>Archivo Caminante</i>	Pontos de convergência
Defende que quando criamos uma imagem, estamos produzindo novas perspectivas que interpretam e teorizam sobre a realidade.	Cria imagens que estão em diálogo com a história e as suas experiências na Argentina.	Propõem a utilização de imagens na pesquisa de forma mais central; Consideram as imagens como fontes bibliográficas na pesquisa porque estas são construções poéticas sobre a realidade.
Propõe que as pesquisas sejam atravessadas por imagens e palavras, mas de outras formas poéticas que atuam como ação política por meio da linguagem.	Propõe a utilização de ferramentas artísticas na investigação, trazendo imagens e materialidades visuais (fotografias, desenhos, intervenções em espaços públicos, etc.) que servem como documentos expandidos.	Aproximam os elementos articuladores da linguagem artística da pesquisa; Compreendem que as imagens também são fontes documentais na pesquisa.

Acredita que a/o pesquisadora/r precisa inter-relacionar a sua subjetividade com a objetividade do contexto histórico, político e social ao qual pertence.	Reflete que caminhar é também uma prática estética porque nelas é possível encontrar materialidades e criar um trabalho artístico, arquivístico e pedagógico.	Contribuem para que aproximemos a experiência de vida e a ação de pesquisar, de modo a não compactuar com a ideologia ocidental de neutralidade na produção do conhecimento científico.
Entende que a auto-mediação contribui para processos de descolonização do conhecimento, a começar pela tentativa de descolonizar a escrita, visto que as palavras em contextos de colonialidade forjavam a realidade de diversos espaços em Abya Yala.	Na construção dos AC, Molinari pretende a desestabilizar as narrativas históricas dominantes e confrontando a ideia de que há uma “verdade histórica”.	Tendo em vista que o conhecimento é algo a ser construído, nos dão aportes para questionar a ‘universalidade’ no campo epistêmico; Abrem caminhos para problematizarmos as narrativas e apresentar contranarrativas desde o presente, como uma atitude decolonial.

Fonte: Acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, em diálogo com outras/es autoras/es, consideramos que o conhecimento não está apenas nos textos escritos, também se fazem presentes nas outras textualidades, sejam elas verbais ou não verbais. Por isso é importante compreendermos a potência das imagens e os demais elementos articuladores da linguagem artística nos processos da pesquisa. É importante que se promova o diálogo entre imagens e palavras, mas também que se construa abertura para trabalhar com outros instrumentos da cultura como sons, por exemplo.

Na tentativa de construir novos caminhos metodológicos e reflexivos em que as/os pesquisadoras/es estejam mais próximas/os da pesquisa que produzem, tanto na escrita como na criação de outras possibilidades de construções poéticas da realidade concreta, é preciso desprender-se das normas ocidentais que regulam o conhecimento. A ação de desprender-se é complexa, mas trata-se de uma ação política que denuncia a situação opressora para desnaturalizá-la no campo epistêmico.

Articular práticas reflexivas-metodológicas que desobedecem às normas ocidentalizadoras é um desafio, mas contribuem para que ampliemos os modos como produzimos nossas pesquisas. Assumir uma práxis decolonial na pesquisa é também enfrentar desafios dentro da academia, mas por ser uma proposta em aberto, vai fomentando um movimento de discussões e possíveis transformações das estruturas. Embora apresente algumas possibilidades, não é um conceito fechado, dialoga com várias outras perspectivas e pode ser construído de várias formas, de modo a criar alternativas no campo epistêmico, uma desobediência aos padrões que limitam a criação na pesquisa em educação. Somos pessoas que se relacionam com o meio e a todo momento lemos o mundo e criamos narrativas a partir dele, portanto, somos seres sociais criadores ativos na pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. Artistas indígenas y afrocolombianos: entre las memorias y las cosmovisiones: estéticas de la re-existencia. *In*: PALERMO, Zulma. (org.). **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Del Signo, 2009. p. 83-112.

ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar. *In*: Alloa, Emmanuel (org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 7-38.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DUSSEL, Henrique. Siete hipótesis para una estética de la liberación. **Praxis: Revista de Filosofía** Nº 77. Enero/junio, 2018. p.1-37.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.9 N.18: e258994 [2023]
**Dossiê Pesquisas decoloniais: sujeitos
“outros”, práxis “outras”**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258994>

GÓMEZ, Pedro Pablo; MIGNOLO, Walter. **Estéticas decoloniales**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

GROSFOGUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistêmicos do longo do século XVI. Decolonialidade e Perspectiva Negra. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016, p. 25 a 50.

GUTIÉRREZ, Erick. Aportes para una enseñanza multilínea, intercultural, decolonial y pluriversal de nuestras historias. **Perspectivas**, UNERMB, año 8, n. 16, p. 115-124, julio, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Ensinando a comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Siglo XXI de España Editores S. A.: Madrid, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, nº 1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. **Habitar la frontera**: sentir y pensar la descolonialidad (antología, 1999-1014) Barcelona: CIDOB, 2015.

MIGNOLO, Walter; GÓMEZ, Pedro Pablo. **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008.

MOLINARI, Eduardo. El manto tóxico. In. MERLINSKY, M. G.; SERAFINI, P. **Arte y ecología política**. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 43-57.

PEREIRA, D. A. Escritas de si – sobre alteridades e mediações. **Revista de Literatura, História e Memória**, Unioeste, Cascavel, v. 14, n. 23, p. 43-57, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIVERA-CUSICÁNQUI, Silvia. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 231-252.

VÁZQUEZ MELKEN, Rolando. Colonialidade y relacionalidad. *In*: QUINTERO, Pablo; BORSANI, María Eugenia (Orgs.). **Los desafíos decoloniales de nuestros días**: pensar en colectivo. Neuquén: EDUCO – Universidade Nacional del Comahue, 2014. p. 173-196.

XAVIER, Robson. **Introdução à história do ensino das artes visuais no Brasil + acessibilidade**. Curso UNO, Artes Visuais + Educação + Acessibilidade + Decolonialismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. (Apostila).

WALSH, Catherine. Gritos, gretas e sementeiras de vida: entretences do pedagógico e do colonial. *In*: SOUZA, Sueli Ribeiro Mota; SANTOS, Luciano Costa (org.). **Entre-linhas**: educação, fenomenologia e insurgência popular. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 93-120.

Submissão em 22 de junho de 2023.

Aceite em 26 de julho de 2023.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

Internacional. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>